



José Manuel Gonçalves Silva  
Agosto de 2003

**O VELHO E OS TREVOS**

**José Manuel Gonçalves Silva**

**O VELHO E OS TREVOS**

**Título: O velho e os trevos**  
**Autoria e revisão: José Manuel Gonçalves Silva**  
**Capa: José Manuel Gonçalves Silva**

**NOTA**

**Muitas das personagens e situações neste livro, são imaginárias.**

**Deus criou o homem,  
O homem faz-se homem à sociedade.  
O homem cria religiões,  
As religiões não param de se saciar em limites  
hipócritas, e como escusa, acusam o próprio homem.  
A sociedade só consegue sobreviver na condena do  
homem.  
Deus perdoa o homem.**

## O VELHO E OS TREVOS

### Primeiro capítulo

Sempre que vou a uma festa de anos, ou oiço alguém no assunto mórbido dessa coisa de fazer anos, (bate-me logo na cachimónia o bom João de Deus, “como se alguém os fizesse...”) como também leva-me a navegar aos velhos tempos, é quando recordo o velho, que uma vez conheci num monte, quando ainda era rapaz novo, rebelde, e leviano, com gostos estragados, cheios de contrastes e de cruces sem sentido, que se moviam empoleirados nos ventos loucos da rebelde mocidade.

Foi nessa altura, que me contou pormenorizadamente, como se safava de andar festejando anos, que não lhe interessavam nem nos levam a nenhures, como me explicou, por suas palavras,

*Agora cum esta idade, esta coisa de fazeri anos é só lá de vez em cando, poque o tempo já mimsinua que, para melhor viver, é melhor agente, mudar os dias para horas e os meses para dias, e rindo orgulhoso da sua façanha voltou-me a dizer divertido, jogar co tempo e lhe dar caneladas, antes quele pegie um coicim, a mecê sabe... acoisa tá indo de maravilhas, eu cá já tenho anos co ca magentari, os otos qi tão atrás, podem vir mai de vagar, qi poca falta fazeme.*

E cada 7 anos, 7 meses, e 7 dias, o nosso velho e bom amigo, contentíssimo derramava em cada hebdómada, de lá de cima do monte 3 foguetes que estoiravam como bojardas, fazendo estremecer o silêncio total, daquelas montanhas inocentes e castiças, só pelo prazer de festejar à sua maneira idólatra, o dia dos seus anos, nunca soube o porquê do uso do número sete, mas lá o homem teria as suas razões...o mais certo é que o foi encontrar na velha Bíblia.

Não havia bolo-doce, nem os famosos bolos do caco, como também estavam ausentes as aventureiras velas intriguistas para

serem sopradas. Tão pouco encontrei aquele nosso vinho bastardo e seco, que sempre como o grande amigo, marcava presença nas mesas da nossa gente teimosa. Desta vez, veio com aquela mesmíssima escusa, de se ter acabado poucos dias depois de São Martinho, e que dele, nem a borra, coisa que para mim não era nada de admirar, visto nessa altura estar a par de tudo isso, estava farto de olhar ao espelho da minha aldeia. Depois dessa data, seguiam espremendo desmesuradamente sempre que podiam, em improvisados alambiques clandestinos, para lhes tirarem a custo aquele líquido que saía quase sempre em pena ou pingando... E sempre morno, e logo ao sair da serpentina, já era provado.

O recorde... A bondosa *aguardente da terra*.

Valha-me Deus, mas fazia uma poncha saborosa, como dizia ele,

Era a bebida dos pobres,

*(Agora é preciso dar um salto a Câmara de Lobos para apreciar uma boa poncha,)*

Com pão cozido na cinza da lareira todo intrincado, à maneira lá dele, (outro *que se foi sem deixar rasto na minha terra, quem comeu, comeu, que não o comeu paciência... agora já não há, e se há, não sei onde ainda o fazem...*) Segundo me disse, aprendeu com os pais, porque assim, evitavam o fazer toda uma *amassadora*, e que assim, por costume faziam quase todos os dias, e sempre nesse então todos tinham o seu pão fresco, a massa era enrolada em folhas de *couve*, que no final de tirar o pão, lá vinha ela toda bordada aos buraquinhos e salpicos de carvão que se incrustavam como pérolas ao abandono e que de vez em quando embebiam-se na carcaça do pão, cantando tristezas, e na filosofia do velho, era para lhe dar mais aparência de pobre, (dizia o velho)

***E ele, tanto é saboroso, qí fica assi panganar o rico. Depois era todo coberto pela cinza quente e deixado a que se cozesse.***

Nesse dia também tinha as famosas sopas de agrião, fresquinhas, tinham sido apanhadas na hora, servidas com porções de carne de coelho ao serrano, semelhas e batatas assadas,

todaschamuscadas pelas brasas daquela lareira sempre acesa e alegre, sempre com facalhões de carne de porco pendurada do ano inteiro, apanhando e englobando em si o fumo fresco, antes que fugisse pela chaminé, como se fosse avarenta, e de impaciente, pedia sempre por mais, para protegerem-se do andar dos tempos.

No final, a sobremesa com rajão e charamba, o toque antigo dos nossos, sem faltar a nossa tão esperada poncha, servida em copos de corno, a malta toda contente e animada, bebendo cantando e batendo palmas ao compasso do toque do rajão, que abraçado àquelas mãos calosas faziam vibrar a alma. O velho que cantava,

***O bordão do velho é velho, aí, aí,  
Digam lá o qi qiserem, aí, aí,  
Ma ainda tem ferrão,  
Memo sendo velho o velho, aí, aí,  
Tem cheirinho a limão.***

***O bordão do velho é velho, aí, aí,  
Dizem as línguas do povo, aí, aí,  
Ma sabe o qi o velho queri,  
Olha o diabo do velho, aí, aí  
Nau é velho p'ra mulheri.***

***O bordão do velho é velho, aí, aí,  
Foi curtido na maréia, aí, aí,  
É velho ma submisso,  
Canto mai velho é o bordão, aí, aí,  
Mai. o bordão tem feitiço.***

***O bordão do velho é velho, aí, aí,  
O velho nau satrapalha, aí, aí,  
Dizem todas por aí,  
Cando o velho nau tem cama, aí, aí,  
Vai buscar lugar na palha.***

***O bordão do velho é velho, aí, aí,  
É um brinco qi tem qi brinque, aí, aí,***



***E canto mai brinca apetece,  
Canto mai o brinco brinca, aí, aí,  
Canto mai o brinco cresce.***

Foi num desses anos celebrados pelo velho, que também fui um convidado ao banquete, assim como, os que faziam parte do acampamento; conheci o homenzinho, quando andávamos nessa altura, um pouco afastado do acampamento, numa folia, como quem dizima tudo, a ver se encontrávamos um trevo de quatro folhas, para termos como mascote da sorte, como quem procura a erva-da-vida, essa que os gregos teimavam e juravam de ter uma flor branca de leite.

Graças ao velho, não só encontrei o de quatro, como outro de cinco, que ele me o deu, visto ele andar atarefado na busca e rebusca da de seis, que desta maneira, devido a ter já uma de cinco, (dizia o velho,)

***Nau precisava de ter dois,***

Tanto mais que a cada um dos meus amigos deu um de quatro, a coisa foi diga-se a verdade, fui o mais felizardo nas folhas de trevos.

São coisas que nos passa na vida, depois vem as pancadas, e como diziam os antigos, “*com as pancadas é que se aprende*”, o que agora o povo diz, “*Deus e o tempo é quem nos ensina.*”

Falando nos raios em trevos, para dizer a verdade, com tantos anos já passados, até nem sei, nem me posso lembrar por mais que me pergunte, onde diabo os deixou, já tenho andado matracando dias a fio, mas esta minha memória como de costume, anda um pouco fora dos eixos...

Quando era moço, costumava ouvir, que a idade e o tempo não perdoam, e é verdade, há que chegar a ela para acreditar...e todos estes recordes, na calma, levam-me à alma do tempo, empurrando-me a um abismo, e ao mesmo tempo fazendo-me valer das ensinanças endiabradas raio do diabo do velho, claro, mas sem trevos, não quero andar metido nos trevos, e com esta minha pobre idade, ainda menos, tão pouco montando tendas, deleitar-me em

acampamentos ou, de curandeiro, que Deus me valha... Com estes meus olhos já vejo tantos por aí...

O que mais quero do velho, é apropriar-me da maneira que ele tinha de mudar os dias para horas e os meses para dias, agora gosto da ideia, porque assim pouparei mais tempo e espaço, e as rugas que já aqui andam, terão de esperar numa sala de descanso enquanto ando nesta minha caminhada triste e chorosa, digo triste e chorosa, porque sem mais nem menos, já consigo pressentir a hora, e cada vez sinto-me mais perto dela, até por sinal, já a vejo vir lá ao longe, com um coração de lanterna, como uma chama viva e palpitante, como as estrelas, entrando manhosa pela boca do túnel. Assim já estou prevenido, e aproveitando, farei que ela chegue mais atrasada. Não é que tenha medo da despedida, uma pessoa passou por tanta coisa na vida, que até o medo perde-se e não deixa rastros para o fim de um, fica como o coveiro, que de tanto andar no cemitério, abrindo covas para os cadáveres, já nada lhe amedronta...

Mas o que se pode evitar, para que a árvore resista mais ao vento, é dever, não é só saber valer-se por si só, há que querer chegar até o último. Para mim é o máximo, assim não damos problemas a ninguém, cada qual já tem os seus e há quem tenha até de sobra, imaginem que vem um badameco, carregado de sacos e malas de velhice, com mais problemas daqui e dali... Dizem pelo mundo fora que um é criança duas vezes...por isso é melhor ser sempre novo, nem que seja somente nos pensamentos...mas o problema são as dores nos rins que sinto de vez em quando, já andei o outro dia à procura dessa erva que por aí chamam “de-racha-pedras,” mas só encontrei uns raminhos por aqui e por ali, todos desprezados, que mal deu para fazer um jarro de chá, mas logo que possa, tenho de voltar a fazer uma outra rebusca num dia destes, porque o chá já me está terminando, os remédios na farmácia estão que nem se pode aguentar, e não há como as benditas plantas para curar, e lembrando o que o velho me disse uma vez, que se não me engano, já vai há tantos anos, mas parece que foi assim,

***A única planta qi nau serve pa curari é o (Tilo), poqi, o demoino um dia depois de cagar, usua as suas folhas pa limpar o cu, e agora, até o pau dela, que por sinal é rijo e forte, cando se corta deita um forte medonha a merda, caté os condenados dos bichos nim lhe qeri entrari.***

Estava falando no velho, não era? Credo, uma pessoa chega a uma idade que até se esquece do que está falando, peço desculpa, mas o que vou fazer...

*(No meu tempo, quando era novo, e alguém se esquecia daquilo que ia dizer, dizíamos; Então é uma mentira. Mas não é não senhor, é o tempo dentro do tempo que se confunde, levando-nos a todas as partes...num vaivém, que nos entorpeça e baralha a ideia... Jogando um jogo sem piedade, como se fossemos um trapo...)*

Voltando ao raio do velho, antes que me esqueça do que vou dizer, esse velho que uma vez conheci nesse bendito monte, quando era estudante ranha, que me contou ser do Lombo da Velha, lá para os lados dos Prazeres, mas que agora vivia ali na serra, e que o rajão que tinha, e mostrou-me o instrumento, todo bem zelado, já tinha sido do pai do seu trisavô,

***Era relíquia de família... que foi passando sempre de pai pa filho, mas que por borla do destino, já nau tinha aqiém deixar nada, e ca lhe fazia uma mágoa medonha, só em pensar qum dia, ia deixar o rajão abandonado por aí, o co vau dizer eles cando miencontrem notre mundo, penso qi nim vou ter cara pale dari, ora essa, pois olha, é daqui qi sai alegrias, qi já com todos eles cantua ao despique com copos e sem copos, e o co mie vaum dizer? A mecê deixou qi se extraviasse a alegria, única herança qi deixa a mecê, olhe como anda, todo desprezado, nem tão pouuco a mecê teve tempo pa tapar do pó...***

Cheguei a ver as lágrimas deprimidas correrem pela face penosa, mas arrogante.

Não gosto de ver ninguém chorando, especialmente, quando são idosos, faz-me pena, não aquela pena que todos conhecemos, a outra, uma que vem de lá de dentro, e que só sai de vez em quando,

não é como aquela pena teimosa por ser pena, e que se ouve nos fados, não, nada disso, desta não se pode cantar, é diferente, é tão complicada que nem tão pouco sei como explicar, talvez nem haja palavras na nossa língua, quem sabe... também dizem que não há a palavra saudade nas outras. Se disser que é porque dói mais, não é o suficiente, mas se afirmar, que realmente é uma pena que tem vida própria, que pensa e caminha no nosso penar, talvez seja uma melhor definição, de qualquer das maneiras, ainda não é o que realmente quero dizer.

Mas vá lá, que importa aos outros o que um sente, pensa, e dói... Por vezes, é melhor nem dizer nada, guardar para si, não dizendo ninguém sabe, e quando ninguém sabe, ninguém se ri, porque lá que há um montão de gente por aí, que passa parte do seu tempo a se rir às gargalhadas das penas dos outros, sim que há! Por isso, dou um conselho aos meus amigos, o melhor é calar, porque se uma pessoa, quando triste falar para si próprio e repete mesmo baixinho as suas mágoas, como diz o povo, *as paredes têm ouvidos!*

Foi nessa altura, quando o vi chorar, que me contou, com aquela voz triste e sisuda, que foi buscar ao longe, não sei onde, coisa que tinha guardada quem sabe por quanto tempo, e que para sair foi preciso um purgante e espremer-se todo,

**Qi tudo isso foi pocausa dumas cantorias cuma noite oviu, e tudo sacabua, pa agora tar como tá, só e acabado, sem ninguém aqemapoari, a nau ser o bordão, e riu disfarçado, sem falar nas tristezas... Mas talvez foi o qi Deus qise, e seja feita a sua vontade, se naue se pode deixar nada, pois nau se deixa nada, nim sequer o valor duo real.**

Isto vai já há muitos anos, valha-me Deus, que se calhar, o velho é mais velho de nome, há quem diga que os mortos não necessitam flores, mas com esta minha idade, e de tantos trambolhões, e golpes, agora penso diferente, para mim, os bons recordes, são as flores dos mortos, que se transformam em luzes para lhes regarem as almas, espalhadas em sombras, nesse Céu que todos sabemos que existe, mas que não sabemos como, a não ser o que nos cantam os das religiões, e cada um à sua maneira. Por isso

queria ser recordado por muito tempo, quando também me ir, porque se na terra os vivos não me poderão abraçar nem tocar, serei mais um dos fantasmas imarcessíveis, vagando nos campos da morte... e se há que fazer, tem de ser antes da tumba, porque depois nada pode ser feito, o depois, é o julgamento de que tanto nos fala o Velho livro, e somos nós os autores, com cada um de nós carregando o AND do bem e do mal na nossa caderneta pessoal, onde nada pode ser alterado, nem ser negada a existência...

Só que quando me recordo, que tenho de passar por tudo isso, fico sem saber quem me irá pôr flores naquela campa rasa, que alguém escolheu para mim. Ochalá haja alguma alma caridosa que ainda se lembre que algo de mim valeu, e não só os meus inumeráveis infortúnios, e satisfeitos me obsequiem lá de vez em quando, pela razão, nem que seja um pobre malmequer, ou até, com uma flor de linho, desde que sejam flores, não importa o tamanho, a cor, a espécie, ou a forma, o que sim importa para a minha alma, é a vontade inquebrantável que sintam, por colocar cuidadosamente, bem estendida sobre a pedra fria, uma lá de vez em quando, por amor, caridade e lembrança...

Seja lá quem for, terei que lhe agradecer a acção, perante Deus e perante os homens, custe o que custar.

Estive matracando a cabeça, por uns poucos de dias, já desde a semana passada, passo noites em branco, mas esta coisa da velhice por vezes empata um, não nos deixa chegar a nada flagrante, quando buscamos... A não ser ficarmos em estado conflagrante, mas tanto andei a batalhar, e olha valha-me Deus, que hoje, quase mesmo sem querer, voltei a me lembrar...

Afinal uns anos depois, se não me engano, e a memória não me falha, digo se a memória não me falha, porque até tenho medo, há dias que afirmo uma coisa, para noutros nem sequer me lembrar que disso falei... E, como estava dizendo, voltei a encontra-lo, quando passei pelo mesmo lugar com outros amigos, estávamos por essa altura também acampando por esses mesmos lados, que sempre íamos, porque o lugar era tão pequenino, que me recordo, aí não

tínhamos lugar para ir mais longe, e quando íamos mais longe era para fazermos asneiras, como uma vez, resolvemos nadar nus em todas as freguesias à beira mar, e para lá fomos, pela calada da noite era se jogar ao mar e nadar, se a água estava fria não importava, o que importava era conseguir a façanha, e andávamos, usando quase todas os dias das (*férias grandes* como chamávamos nessa altura às férias que se seguiam ao terminar o ano lectivo), dando voltas, e mais voltas à ilha procurando proezas de gente jovem.

É, estava falando do velho, Credo Ave Maria...uma coisa leva a outra, depois vem mais isto e mais aquilo, que uma pessoa, fica todo baralhado...isto é mesmo exasperante...o diabo seja surdo, mas esta coisa de como dizem, fazer anos, não é nada agradável seja lá para quem for.

O raio do velho, quando o voltei a ver, pareceu-me, que o tempo tinha estagnado à sua volta, até parece que o estou vendo... Com as mesmas penas secretas enredadas, todo o seu envolto no mesmo casaco gris penteado por umas riscas muito finas, que de vez em quando se desfaziam magoadas pelo tempo e embirração, tentavam perderem-se no tecido já fraco e doentio. Estava sentado numa grande pedra redonda e fria, como aquelas com que o mar brinca continuamente, só que esta nunca o conheceu. Trazia todo pimpão a sua barba grande, toda pintada de branco, como lá dizem eles que são das saudades, esta gente anda mas é maluca... Culpando o branco da barba e cabelos às nossas saudades, e anda o povo atrás sem escrúpulos invertendo os dizeres, e mastigando os nossos infortúnios e saudades como receitas do branco... Como querendo abarcar bandeiras a torto e a direito, para depois serem dispostas numa fila infindável, fazer que todo o mundo comparta do mesmo pensar e pesar.

Agora vejam lá, se tenho ou não razão para barafustar, e se não tenha, não tenham medo, digam-me a gritos, se é que seja preciso.

O que tem a haver as saudades com o raio das barbas brancas?  
É verdade o que dizem por aí,  
“*Quando o povo não sabe inventa,*”

Pois é...

Já nem sei onde ia... Mas parece-me que estava falando das barbas do meu bom amigo, credo, e como estava dizendo, e lá estava ele de chapéu preto na mão, que por costume, andava com a aba a voltear e voltear entre os dedos, como se fosse um mágico nos seus truques incansáveis.

Quando me viu, reconheceu-me logo de seguida, levantou a mão e disse,

**Ota vez por aqui, pensei ca mecê já se tinha esquecido dos trevos e de mi...**

Não, não me esqueci meu amigo, mas não estou nos trevos desta vez, estou nos namoricos... Estamos acampando ali em baixo, e como estava perto, passei por aqui, a ver como ia... Parece que tudo está como ontem, como daquela vez que fez anos... Por acaso, não tem feito uns laços a mais para coelhos... É que como chegamos fresquinhos, sempre chega bem um pouco de carne fresca nestas ocasiões...

*Por enquanto tudo tem corrido bem graças a Deus nosso senhor, olhe aquela barraca lá ao longe, não sei sa mecê ainda se lembra, ainda graças a Deus tá no ar, tem dado uns pés de chuva grossa, ma lá dentro tá tudo sequinho à conta de Deus, precisa duns retoques, ma vai-se vivendo, em mentes houver vida há esprañie, as mágoas que os tempos nos criam, e cum é obrigado a vê-las crescer e enraizar no peito, um dia tamém vão ter fim, pa essas é qi no há retoques... cando vão, vão e ninguém as pode parari, nada é eterno, por isso no há qi desanimari, nem perder a esprañie cuma já nos disse o mestre, e co pôvo anda repetindo comum rosário a toda a hora, mas cando tem de fazer sesquece.*

Respirou fundo, e deitou um suspiro de vendaval, que se foi desfazendo em paz pelo monte, no sacrário daquele Céu brando e rústico com toalha de nuvens brancas.

Tirou de um saco que tinha mesmo ao lado, um corno de boi grandíssimo (diz ele que foi de boi), que usava por garrafa, convidou-nos a um copo de aguardente da terra, como dizia ele.

Encheu um pequeno corno de cabrito, que trazia preso a um cordel traçado ao pescoço, caindo na frente como se fosse amuleto para alguma dor, conforme o ia enchendo, ia repartindo. Só havia um, e cada qual teve de esperar a sua vez. Depois tirou um livro já meio gasto, com folhas amareleças e lânguidas, abriu quase pelo meio, e mostrou-me a folha de trevo de seis que tinha encontrado. Tinha trevos desde uma folha singular até as de seis, disse-me que agora andava empenhado na procura da de sete, aí foi quando lhe disse que tirasse isso da cabeça porque lá isso não iria encontrar.

Olhou-me como espantado e ao mesmo tempo de reprovador, com uma voz firme e seca disse,

*Então a mecê tá a estudar e nau sabe nada...isso é bom é pa mim, qi só tive a quarta classe, uma foice e molhos de erva no lombo... Mas de libros nada.*

Mostrou-me as mãos todas gretadas e calosas,

*Ma nau é só aqi qi tenho calos, nau senhor, a mecê nau vê, mas também tenho calos aqi,*

Apontando para a cabeça,

*Foi na vida, na escola da vida...uma ca mecê também vai andar, cando parar esta...e essa é a qi lhe vai ensinar, como tem ensinado a todos...se existe o de sete? Claro que existe trevos de sete, e custe o co custari, sei qi vou encontrari, agora, nau sei é cando nim adonde...até memo posso encontrari o de oito primeiro, do qi de sete, ma isso é naturali, como aconteceu quando no princípio encontrei o de 3, antes de encontrar o duma só folha, e o do quatro antes de ter o de duas, assim é a vida, nada vem em saquências, ou sequências, lá como chamam a isso... Tudo anda baralhado neste mundo... E agora mas docantes, cantes, ouvia-se o sussurrar dalguém de lombo em lombo, mas agora, até já vem nos rádios e nos jornais, ninguém já é ninguém nos tempos de hoje, a voz dum já no es dum, agora sai de todos los lugares andam perdidas, co melhor é já no ouvir o qi não se queri, nem tampoco oqueles querim, por isso deixei dir a vila, da última vez qi fui lá, foi pa curari uma parente minha, ca todos los os vizinhos andavam dizendo qi sofria da moita, e como disse*



*aquele senhor Bernardim, (as mágoas alheias também doem a quem as vê.) Olhe a mecia sabe, nesse dia levei uns raminhos de trevos comigo, apanhados na noite de São João no momento casta a riscando o céu uma estela, e fui por lá baixo, até chegar à casa dela, e cando cheguei lá, fiz um chá, e emmentras eles comiam, mandei ela beberi, foi como qim tirasse ca mão. Depois, nim obrigado me deram, ma nau me maguaram, voltei cuma fui, pa minha barraca, e deixi eles lá a se coçari.*

O trevo afinal é uma planta santa, cura da moita, do marasmo, do mal de amores, faz de amuleto... À parte de querer encontrar o de sete, o de oito, e se calhar o de nove, mas segundo a minha opinião, acredito que pode curar tudo isso, mas de encontrar o de sete, o de oito, isso vai ser impossível.

*Ora essa, as coisas difíceles e desordenadas, trazem surpresas, cuma os jogos, e cuma os amores... Incertezas e dores, e mais um montão dotas coisas candam por aí fora, de gatinhas, qi nau vali a pena dizer, tudolo desde o mas remoto dos impossíveis e possíveis, é cumo um mar cum fim sem fim, qi desde tempos nos aparta, cuma nos aconchega, tanto do corpo cuma da alma, purgando as tais desventuras e sortes, amarguras e alegrias, mas qi tem nas primeiras o sal da vida, e nas últimas a morte. A mecia vai ver um dia, e então vai-se lembrar de mie. O home sempre gostou de lutari pela glória, da luta vem as guerras, das guerras vem o ódio, do ódio vem a perdição, e anda o mundo perdido... Eu ca vou lutando como posso, aprendi a ota luta, a luta de não lutari, seja feita a vontade de Deus, nau me meto com ninguém, ninguém se mete comigo e vou vivendo. Como dizem eles, cada cabeça é um mundo. Tudolo na vida é relativo, e não pode existir um sem o oto, assi qui tem daver os dos pa co demoino no saia raivoso e então deite tudo a perderi.*

Pensei para os meus botões enquanto assentava com a cabeça, este velho está meio chanfrado... Que diabos sabem ele de relativismos e de que não pode existir um sem o outro, quando o outro já existia antes dele, com ele, e existirá sem ele...

Antes de irmos, ofereceu-me um trevo de seis folhas dizendo,

***Este é pa ti, já tenho um, não precisava de ter dois iguais, a mecia ca fique coesse, assim já lhe vai faltar menos um pa encotrari.***

Abri a carteira e enfiei o trevo com o maior dos cuidados no meio de uns papéis.

Despedimo-nos depois de uns apertos de mão, e com uma gabarão à aguardente da terra, e à promessa de quatro coelhos para o almoço do dia seguinte.

Pela manhã, quando ele chegou com cinco coelhos, e a rir, disse que,

***A promessa tinha sido quatro, mas come eu também quero comeri... Trouxe cinco.***

Reunimo-nos, e enquanto elas preparavam os coelhos com a ajuda do velho, lá fomos arranjar a cabana dele, trouxemos mais pedras dos arredores, e com paciência e vontade, armamos um muro mais, e como ao lado da cabana havia uma pedra *mole* (pedra vulcânica) muito grande, mas com o nível um pouco mais baixo, que o telhado da cabana, foi só fazer um pequeno muro por cima dela, colocamos os travessões, e travessas, fizemos-lhe uma nova cozinha. Como essa pedra já tinha uma espécie de furna, onde ele guardava a lenha, foi mais fácil, a parte mais difícil, foi a da lareira, que tivemos de carregar uma lasca de *pedra viva*, (basalto) que quase nos cagamos todos, só para a pôr na carroça puxada pelo desgraçado burro, depois andar mais de dois quilómetros, fazendo caminho para o raio da carroça passar, mas lá chegamos.

A chaminé também deu uma quebra de cabeça, fazíamos um invento, que depois desmanchávamos, era um recordar a mulher de Ulises...até que finalmente acertamos, ora vaia que dor de cabeça...

Fizemos-lhe uma porta, tirando a velha janela, assim ia da cozinha para o quarto, só que entre as pedras víamos aqueles raios de luz cortando tudo, até mesmo o silêncio que se prezava da morada.

Mudamos as folhas de zinco que estavam mal postas, quase uma em cima da outra, e amarradas com pedras. Mas mãos à obra, uns pregando, outros estendendo, sem sermos espertos na matéria, e

com um martelo que já lhe faltava uma das orelhas, para não falar do serrote com os dentes todos gastos, sem nenhuma (travura), mas com vontade e gosto, em dois dias, a cabana, parecia uma casa de campo bem desenhada e de fazer remelas a quem a visse.

O velho não se cansou de agradecer, todos os dias tínhamos carne, se não era de coelho, era de cabrito, sem falar da carne fumada que sempre tínhamos para a sopa. Foram uns dos melhores dias passados na minha vida num acampamento.

Sempre me lembrarei da maneira como ele tinha de converter os dia a horas e os meses a dias, logo ao contrário do então em voga António Mourão, que por essas alturas teimava cantando, (**Ó tempo volta para trás**,) por todos os cantos, com as estações de rádio todo o dia batalhando no mesmo, sempre a mesma tecla a zurrar, que as horas para ele eram dias, e os dias eram anos, e houve quem acreditasse, havia por vezes filas de gente seguindo, os discos esgotavam-se, e as moças por paixão aprendiam toda a letra, tanto que imitavam a tonalidade da sua voz.

O pobre de tanto teimar, por teimoso, envelheceu rapidíssimo, levando os seus seguidores consigo, em enchentes de anos e rugas desafinadas, uns hoje, outros amanhã, e lá se foram envelhecendo quase todos, foi como uma epidemia que só terminou quando ele se foi... Sem que nunca, nem ele nem os que o seguiam às cegas chegassem à razão da compreensão, que afinal as saudades não são desenganos, que o tempo não para, nem volta a trás, que as penas sentimos nós, não o tempo, o passado não é nada igual ao amor, nem o amor tem nada a ver com o passado... Mas que disparate, agora todo o mundo pendeu, até parece mania, dizer o que quer e o que não deve, enfim, remediar os males à sua maneira... Recordando o que o povo cantava lá pelos campos, nos meus tempos de mariola,

*(Primavera vai e volta sempre,  
A mocidade não volta mais...)*

Pois é, por vezes o povo sabe... Quando quer saber, só que quando quer sair das suas é que brinca e inventa para ganhar, por isso sabe

melhor que os letrados, não dizem por aí, que é melhor um de tarimba que dois de Coimbra?

Como dizem lá na minha terra, há que ver para acreditar, e lá isso é pura verdade, e até muitas vezes, devemos ver, cerrar os olhos, volta-los a abrir, olhar de novo, repetir isto por umas poucas de vezes, até que possamos afirmar o que vimos, a não ser que tenhamos medo de sermos mais um Tomé, aí, a coisa já é diferente, e salve-se quem poder, que estes tempos já não são os mesmos de antes, nem tão pouco sei aonde é que eles irão levar.

O velho, alguma coisa sabia, o tipo não era maluco não, malucos éramos nós, que nessa altura éramos todos jovens, andávamos sem saber onde...e pensava que sabíamos tudo. Éramos os (caganças) imprescindíveis do lugar, os intocáveis, os sabe tudo, quando afinal, por árduo que pareça, ainda andávamos com as remelas no cu, para não dizer uma outra coisa.

Mas porque diabo ando com o meu tempo às voltas como idiota, desesperado e triste querendo encontrar em cada migalha do meu passado, lembranças, só para vos dizer?

Hoje anda tudo diferente, que já ninguém quer saber do passado...

Agora, se é que querem usar a bendita receita do velho, não a deixem perder, usem logo que possam, façam como eu, mais vale tarde do que nunca, e anos há de fartura, que eliminar uns não será nenhum problema, há é que haver força e vontade.

Não me perguntem, como eram os preparados das receitas do velho, porque uma vez, caí na asneira de também lhe fazer essa pergunta, foi quando respondeu

*Qi essas coisas nau se ensinam, cada um aprende po si, ca esta vida é a melhor universidade, é só querer aprender, e o co eu sei dos trevos, e de muitas outras ervas mai, embora lhe custasse, e lhe doesse, ia leva-las pa cova, poque ele sabia coisas a mai, e nem todolos tão preparados pa totalas essas ensinanças, e como dizia um home letrado, tudolo é relativo, nau podia ensinar umas e deixar as otas pa trás, nem ensinar as otas e deixar umas, de*

*maneira co melhor era nau ensinar nenhuma, qim quisesse aprender, qi buscasse espaço, e o tempo no tempo, poque já diziam os antigos, co melhor era ter Deus em conta, poque somente Deus e o tempo é qi nos ensina.*

Deus fez a eternidade e o tempo, e tratou de nos ensinar como deveremos escapar ao tempo e ganhar a eternidade, só que nós por teimosos seguimos mendigando nos relógios da vida, e não paramos de lhe andar rogando que faça a cada instante, um paro drástico a nosso favor, dramatizando tudo à nossa vontade, e sem escrúpulos impondo condições e obrigações a Deus.

Por acaso, uma vez, coube-me a presença de vê-lo curar uma ovelha, do olhado, (*como diz a gente lá da terra,*) o que na sua opinião era coisa maléfica, e que não vinha somente dos humanos, poderia ser de outra ovelha ou outro animal, mas como não sabia, nem ainda sei nada disso, segui a bola, embora duvide.

Nesse dia, vi com os meus próprios olhos, isto não foi mentira nenhuma, estava sentado mesmo ao lado dele, vi como usava um dos seus trevos, o de quatro folhas sobre a ovelha, e ia repetindo, para que todas as maldades se guiassem pelas folhas do trevo,

*(Que eram as quatro pontas do mundo,)*

Deitava uns pingos de azeite de louro á volta da ovelha, e sempre com o trevo na mão, voltava a dizer um palavreado sem parar, era como uma reza, e terminava

*Que todo esse olhado fosse cair ao mar alto, onde nau há fundo, nim cagarras a cantari.*

Como não estava ambicionado, nem cobiçoso pelo segredo, por nunca ter sido curioso, nem reparei no assunto com o devido respeito. O que sim posso dizer, é que a ovelha no outro dia parecia outra, e desde esse dia, para mim, como para os que estavam comigo, era como se o velho fosse mestre de toda a obra. De tudo sabia o suficiente para resolver o assunto.

Recordo-me também, que uma moça que acampava connosco, estava com umas dores de cabeça tremendas, nem saia da tenda, quando o velho deu pela falta dela quando nos juntávamos na

fogueira à noite, dissemos-lhe que não se sentia bem, tinha muitas dores de cabeça. O velho nem disse nada, levantou-se, foi à sua cabana, trouxe uns ramos de trevos, e um frasco de seis quinas, dentro, tinha sete grãos de trigo, estendeu uma pequena toalha de linho, sobre a cabeça dela, com o frasco cheio de água e os sete grãos de trigo dentro, de maneira que o gargalo do frasco estava invertido sobre a toalha de linho, que por sua vez estava sobre a cabeça, em cima do fundo do frasco, colocou um trevo de três folhas, e foi dizendo uma lengalenga, outra reza, que mal se ouviam, vinham em sussurros, e ele com os olhos fechados, concentrado no seu. Todos nós em silêncio, presenciando tudo como estúpidos, sem saber a que olhar.

O certo foi que a água dentro do frasco por algo, começou a ferver (endemoinhadamente), enquanto ele seguia com a sua lengalenga sem parar, sempre concentrado e persistente, coisa levou como uma hora ou mais, quem sabe, nem pensamos marcar o relógio, mas que demorou, demorou, disso não há dúvidas; as dúvidas vieram depois, quando ela no final disse que se sentia muito melhor, que já nada lhe doía, e nós ficamos todos espantados e atabalhoados.

Disse-nos,

*Agarrua a doeça-do-sol. Tenho de repetir isto duas vezes mas.*

O velho sempre tinha as suas, não houve mais obrigados que não lhe demos, e de contente, ele deu-nos duas galinhas, que no outro dia fizemos um almoço delicioso, claro, ele também foi o primeiro convidado como sempre.

Tem graça, tantas coisas acontecem quando somos jovens, e esquecemos de aprender com tudo isso, talvez pela religião, quando pensávamos que desejar era necessitar, que errados que estávamos, mas tudo talvez pelo fruto das velhas crenças, e manias, quando andávamos fugindo da verdade, e com a verdade andando fugindo de nós, o protesto é o mesmo, tanto para nós, como para a verdade, só que nós não sabíamos qual era o mais importante...Nem tão pouco como lhe chamamos, uns diziam metafísica, outros

ocultismo, com mais disto, mais assuntos sobrenaturais, os famosos malabarismos da idade que passa por todos, e deixa abraços sem medida, que depois são deixados abandonados para se secarem à chuva e ao vento dos tempos que passam.

Um outro dia depois do almoço, da lavagem da panela, e de alguns outros utensílios, quando voltamos à roda, o velho disse-nos, que ainda se lembrava da implantação da república, e foi dizendo o nome dessa cambada toda, do

*Sidónio, que fez isso, qi foi um alvoroço por anos, uma pouca-vergonha, todolos queriam mandari, em mentas uns mandavam hoje, amanhã já mandavam otos, era como o país fosse um jogo de cartas, e eles as copas, ouros, espadas, paus, até qi chegua este governo que Deus o proteja, e lá parua a merda de toda essa cambada medonha, candavam só na brincadeira co povo. Ainda bem, era uma pouca vergonha...eram todolos a vociferarem por todolos lados, até qui. a coisa se meteu na língua do povo por todolas partes, era cuma um pregão, cantando mentiras e verdades atreladas umas às otas, já nim me lembra todola la lengalenga, a nau seri uma pequena parte quera assi.*

*Toca o padeiro,  
Co o pão racionado,  
E o merceeiro,  
Vende atarefado.  
Compra-se o bolo,  
É um dinheirão,  
Com cara alegre,  
E dinheiro na mão.  
Nau hái, nau hái, nau hái,  
Arroz, feijão, nau hái,  
Nim massa nau,  
Só apetito si,  
Isso é qui hái.*

*Era eles a meterem confusão no povo, era o povo confuso e maldizente, era o país a andari à roda, si leme, com todolos a mandarem, qui cuma dizia ele era verdade, no lugar onde todolos mandam, nau há governo, e mandou fazer quadros para pôri nas escolas, pa todolos aprenderi. Qi me lembro ter um por lá cando andava na terceira e quarta classe.*



## MAI VALE SERI MANDADO DO QI MANDARI.

*A mecia tá vendo, aquilo é quera um home... e depois pa cas famílias fossem mai unidas, também mandou pregar nas paredes, pa qi decorassem e ficasse na cabeça cada vez co povo passasse e visse.*

## QI NA FAMÍLIA O CHEFE É O PAI, NA NAÇÃO O CHEFE É O GOVERNO.

*Isso àquera um tempo que tudolo andava direitinho...os quadros eram em amarelo, pa qi soubessem todolos quera uma cor do meio da bandeira nova, mas as máa línguas começaram logo apregoar e apontando co amarelo co dedo, qi era mas era a fome qi se espalhava por todolos os cantos do país e praguejavam, e cas letras em preto, ora veja a vossemecia, o qillos inventaram, co preto era o sinal da morte e da PIDE, quera uma policia que ele tinha montado, para escutar tudo, ora a mecia tá vendo, como andava essa gente a inventar, e nau foi só isso, sabe qi tamém chegaram a inventar qi tudolo era uma ditadura formada pela traloigia, ou tiralalogia, nei sequer sei como é essa palavra, já auvi mas mescaci, qi era uma coisa formada de três coisas, como a da santíssima trindade, mas qi ficava numa só, e lá diziam eles qi era a Virgem de Fátima, o futebol, e o fado. Ora a mecia ta vendo, os safados, já nau tinham mai co dizer, anancer cando falavam entre dentes, lá com eles, em sussurros, qi mal se entendia, em mentas eles nau podiam mandar, poucausa se era eles a mandar, o país andava todo baralhado.*

*O home tratua de ensinar, e como diz o ditado, qim mensina meu amigo é, agora, sempre há gente burra qi nim com pau se quer aprenderi, lá isso há, quando vier o tal sinal da foice, o qué qeles qire qi diga, qué pa panhar feno po gado? E o martelo é pa que todolos sejam capinteiros, oxalá cum dia nau desenterrem ele*

*pa ver se lhe dão vida, nau se lembram do senhor Marquês, candaram com o home desprezado, depois de tanto fazer, coitado, até dizem co home morreu tísico, ou do mal do peito, de tantos aborrecimentos, nau sei sé verdade, olha agora, até querem ele volte, qisto por aqui, anda outra vez todolo com um cabedal de batinas enfiados ca canalha... ma ele se calhar anda se marimbando por isto, o gajo não era nenhum tolo, deve ter um bom trabalho lá em cima, ele cá vai voltar... Ca Deus é Deus, sabe dar o valor aquie tem, mas a coisa ainda nau terminua, nau senhor, marquem bem as minhas palavras.*

Passava a língua nos beiços, para sentir o sabor do que dizia, voltava a olhar a fogueira, as botas, outra vez a fogueira, e ia à carga.

*Logo qeste home morra, a mecia vai ver, vai haver um ror de coisas por aí, vão fazer iguali ou piori.*

*É pá democracia, Viva!*

*Pó comunismo, Viva!*

*Pó socialismo, Viva!*

*Pa isto, e vão todos atrás como gado. O oto tira por aquele, e lá vão eles ota vez atrás do oto.*

*Um oto puxa pa este, até houve um tempo antes deste governo, qi Deus me perdoue se é mentira, ca coisa andava tã mal, qi chegaram ao ponto das putas dos bairros se juntarum e marcharem nas ruas com panos e papelões escritos, cuma é que chamam a isso... nasequer sei, a mecia sabe o qi qero dizeri, aquelas coisas escritas com coisas, a dizer nada e a dizer tudolo, ca nau sé o nome disso. O qelas quererum era entrar tamém na mesa redonda da política, ora vejam, e tudolo só poque os filhos já lá tavam...e qien pode compreendi tudolo isto...acontece cada uma na nossa terra, qi contado ninguém acredita...mas ca vai ser a mesma coisa, isso sim a mecia vai ver, e ainda vou tar vivo, pa poderi testemunhar isso tudo.*

Falava dos problemas políticas no almoço, ao jantar falava da sua vida passada, como também contou o último conto à volta da fogueira.

Sempre com aquele casaco gris, que lhe tirava anos, para ficar com eles, o gibão que sempre usava, todo atado com correias aos lados, apertando-lhe a barriga, a camisa sem colarinho às riscas fechada até o último botão, com a maior parte das vezes, fazendo o mesmo com o chapéu, dando-lhe voltas, como se do mundo se tratasse, e dava-lhe o movimento.

Sempre com os olhos postos na fogueira enquanto falava com aquele acento serrano, e de vez em quando, dava uma passadela com os olhos nas botas que trazia sempre a luzir, para parecerem novas, não fosse pelas solas de borracha de pneus, já quase todas gastas.

Foi nessa tarde, a última que passamos na serra com ele, a lenha ardia com um matracar e saltos de faíscas, estava um frio dos diabos, esfregávamos as mãos perto da fogueira que nos alimentava de calor, e cada vez mais íamos aconchegando a ela, o velho, sempre presunçoso e pimpão, contou-nos enquanto espetava uns paus pelo lume dentro, e fazia saltar mais faíscas.

*Ai cando era rapaz novo, como vós, nau tinha tempo pa acampar, ou ter uns dias fora, os tempos era otos, nau cuma os de agora, meu pai, começa a me mandar cuidar do gado na serra, desde ca tinha doze anos, logo ca acabei a escola, qi nesse tempo era só até a quarta classe.*

*Um dia, cando já tinha lá os meus vinte ou vinte um, foi cando isso passou. Nesse dia, em vez de sair pela madrugada, cuma era meu custumi, sai ao anoitecer, pa chegar a tempo de dormir na cabana por umas horas, assim já começava o dia sem tanto cansaço, eram talvez perto da meia-noite, isto qi nessa altura ter um relógio era uma dita, uma coisa doto mundo, só me lembro de ter um, qi me trouxe de Aruba um parente meu, co Deus o tenha, já ta nooto mundo, com os seus, era um relógio bom, tinha oito rubis, e durou-me uma mancheia danos graças a Deus. Cando cheguei à cabana, nim tive pachorra de pôr uns*

*paus de lenha na lareira e prender lume, pa me matar o frio qi fazia. Tava cansado, e deitei-me memo cuma tava, só tirei as botas emlameiradas, e joguei-me pela cama dentro, peguei logo a dormir, num fechar dolhos, ma pouco tempo despois, acordei todolo tonto cosono, cum cantorio, e pensei, o co diabo era isso, isto nau é coisa baua, meio prevenido, tirei o colete ca tinha e voltei a vestir do avesso, ca dizem ser a melhor arma, isso já vem dos antigos, qi sabiam melhor qum, encanto as memas cantorias cada vez ficavam mai perto de mim.*

*Cheio de medo, encostei-me à parede da cabana, todo embrulhado co cobertori, em mentas mi escondia, ovia, cando passavam mesmo à porta.*

*Cheira-me a sangue real, vamos lhe fazeri uma partida.*

*Mas uma voz entre elas responde, deixem-se disso, já vamos atrasadas po co temos de fazeri, assi que toca a andar e depressa.*

*Tremendo assustado, cuo queixo a bater sem medida e os dentes um contra o oto a tocarem tambori, encostado às paredes frias, até tinha medo de respirari, pa na dar nas vistas, co bafo a fugiri, pude reconhecer acuela voz co protegia, foi como me tivessem dado cuma corrente eléctrica pelo lombo arriba. Apertei os beiços, fechei os olhos, e esperei co coração parassi, esperei, e esperei, depois abri os olhos, mas tava cõa vida.*

*Elas já iam longe, agora mal souvia, só ficou retinindo aquela voz entre tantas, era nim mai nim menos a da minha querida, eu reconheci, como reconhecia memo misturada nem que fosse num mundo inteiro.*

*As feiticeiras vinham do baile do campo do Paul da Serra, desde esse dia, lá foi todala a minha luta pelo maior amor da minha vida. Acabamos o namoro, mas ficou sempre a amizade, embora haja coem diga, co amor se torna em ódio, o nosso transformou-se numa amizade po todolos estes anos encanto ela viveu.*

*Essa foi a razão po nunca me ter casado, foi por sentir um amor enorme por essa mulher, que nau só era bela, mas tinha um coração doiro, qi pensei nau poder nunca mais encontari uma ota*

*ca amasse cuma já amei, e se nau ia encontari uma camasse da mema maneira, o melhor era ficari solteiro, poque já vem detás, é meliori andari sozinho, do qi mal acompanhado.*

*Dois dias depois, quando fui lá abaixo pa fazeri uns mandados, foi cando a gente sencontramos. Chamei por ela, contei-lhe qi tava acordado, cando ela passua, fui acordado pelas cantorias delas todalas, ca reconheci a voz dela, e qera melhor a gente terminari, mas ca gente podia ficari sempre amigos. Ela ovio tudolo em silêncio, e no finali nau me negua nada, resignada, agarrua a minha mão, e chorua, e disse qi eu tinha razão, cassim era mais melhor, e ca gente ia ser os melhores amigos do mundo.*

*Levantou-se, e disse nau te apoquetes, qi todolos dias venho fazeri uma visita pa gente ir falando, assim tamos mai junto um doto. Antes de ela ir, disse qi me cuidasse bem, ca levasse mai um cobertori pa cabana, poque um nau dava, e ia fazeri um cabedal de frio, ca guardasse os dois bolos do caco qi me tinha trazido, e seu qisasse mais alguma coisa, ela me trazia amanhã, eu disse, ca por enquanto nau precisava de mai nada, qi vesse amanhã pela tarde, quia preparar a ceia pos dois.*

*Nunca casei, e ela tamem, ficou solteira, nau passava um dia sem qela mi visitasse, sempre havia um pretexto, até os seus últimos dias.*

*Morreu, ca Deus a tenha, poque segundo me contou, numa das muitas vezes ca gente se visitava, ficou feiticeira, desde os cinco anos de idade, cando uma das avós ao morreri, chamouna, pa lhe entregar os romelos, dizendo, pega, pega, minha netinha, e ela, sem saber, pegua. Disse-me ca qim recebe, não pode deixar mai, tem de ser até morreri, e qi cando se ouve alguém ao morreri dizer pega, pega, a gente tem ca agarrari uma veissoira, e dizer, deita aqi em cima da veissoira, e os romelos vão cair na veissoira, e nau se prende à pessoa. Despois tem de pegar lume na veissoira, qeu tivesse cuidado, poque uma pessoa da sua família, já lhe disse que ia entregar os romelos a ele, e ela nau queria qisso mi passasse.*

Quando era pequeno, lembro-me de ouvir histórias de feitiças, de bruxas, da bicha fera, e todas essas histórias, geralmente contadas um pouco depois do pôr-do-sol, faziam que andássemos cagados até chegarmos a casa, tiritando e espalhando medo por todos os cantos que passávamos.

Quando estávamos ouvindo o velho junto à fogueira, a coisa era diferente, não havia medo, o que sim havia era a curiosidade de saber o final, depois de sabermos o final, sentimos aquela compaixão, como se deve sentir, sem medo e sem temor.

Nessa noite, logo que ele terminou o conto, levantamo-nos, e como já tínhamos resolvido irmos descansar mais cedo, por ser a última noite de campismo, nessa serra, e tínhamos de sair e caminhar logo pela manhã, para um outro lugar que ficava quase a um dia a bom andar.

Logo pela manhã apagamos a fogueira, despedimo-nos dele, mas desta vez sem a aguardente da terra, e lá foi o pobre homem também em paz, para a sua cabana, mais descansado, e mais leve, por ter tirado uma carga de sentimentos amargosos, que viviam oprimidos e encerrados naquele peito por anos, sem que nunca tivessem visto a luz do sol.

Quero sentir teus desejos,  
Quero sentir teu folgar,  
Quero sentir os teus beijos,  
Quero viver teu amor.  
Deixa tocar teus cabelos,  
Beijar o suor do teu peito,  
Fazer amor no teu leito,  
E amar-te como for.  
Deixa sentir tuas carícias,  
Deixa sentir o teu corpo,  
Oh meu amor são delícias,  
Sentir amor tão formoso.  
Deixa te dar os bons dias,  
Entrega-me o teu coração,

Viver e ter alegrias,  
É toda a minha ambição.

Quero sentir teus desejos,  
Quero sentir teu folgar,  
Quero sentir os teus beijos,  
Quero sentir teu amor.

Ai,

Quero sentir teus desejos,  
Quero sentir teu folgar,  
Quero sentir os teus beijos,  
Quero sentir teu amor.

Quero,

Quero sentir os teus beijos,  
Quero sentir teu amor.  
Quero p'ra mim os teus beijos,  
Quero p'ra mim teu amor.

## O VELHO E OS TREVOS

## Segundo capítulo

## Folhas

Ar abafado,  
De experiência dura,  
Árvore caída,  
Madrugar gigante,  
Que já vem de ontem.  
Lenços azuis,  
Entrestecidos pela tua ausência,  
Vivo um Outono errante,  
Onde nunca cai neve.  
Floresta de folhas caídas;  
Avenidas que passo sem ti.  
Eu,  
A guitarra,  
A voz,  
O sentimento,  
A dor,  
O fadista.  
Tu,  
Os aplausos,  
Os elogios,  
Os fados,  
Das madrugadas sem fim.

Quando me chegam aquelas horas desmesuradas, sem requisitos, míticos que todos temos, onde os tempos andam perdidos nas teias desequilibradas do imago, onde vibrou uma mocidade escaldante, é quando os Deuses se misturam com os mortais, que as glórias do passado são cantadas e levadas a cada canto pelos ventos sisudos, onde a mocidade se chora e se canta, de igual modo, usando os mesmos pesos e a mesma balança, sem remorsos nem remordimentos, mas toda investida de panfletos, da vida boémia de estudante; como as horas que passei na milícia, e



que me aproveitava dessas saídas para os namoricos, de quando chegava como um ladrão ao colégio, a uma hora onde tudo estava cerrado, são esses recordes que se abrem, lá de tempos a tempos no relógio incansável da caixa da memória, vêm, com passos leves e indecisos, enfeitiçados por vezes assustados e periclitantes, pelo medo que lhes trazem os recordes, pé ante pé, de mansinho, por vezes chegam mesmo sem que as chamem, depois espreguiçam-se, perdem a vergonha, e mostram-se despidos, sem medo, e eu que não tenho onde me apoiar, elas entrando no meu ego, retratando-se como fantasmas vindos do além, mal entram colocam-se ao lado, sem pedirem licença. Passam horas intermináveis brincando a meu redor, infernando-me, que malcriadas... passam-me a bola, tiram-me, passam divertindo-se, como se fossem deste meu tempo, outras fazendo-me rir, mas como sou um bocado cabotino, nunca sei como os levar a rir, é aí quando eles me coagitam, com enredos e mordiscas, picando-me com farpas aguçadas, que por não aguentar mais, deixo sair lá de vez em quando um berro, que me arrebatava de donde estou, para me transportar a outro espaço, num abrir e fechar de olhos.

Irremediavelmente, a maior parte das vezes, é quase sempre, quando não lhes estou pedindo o tal voo, e acontecendo nos momentos de não ter donde apoiar os recordes, mas lá vou, até mesmo contra a minha própria vontade.

Entro nessa máquina do tempo, sem mais nem menos, fecho-me, e vejo-me nesse prisma do tempo.

Sempre sentado, não sei porquê, mas que diabo, porque há-de ser sempre sentado nessa estranha máquina maquiavélica, não consigo entender a coisa, por mais que me pergunte, ainda não decifrei o assunto. O que sim sei é que nesse espelho onde a minha imagem se reflecte, estou mais jovem, sem cabelos brancos, nem músculos caídos, onde descrevo e revivo, palavra por palavra, sem ocultar pensamentos, lugares, testemunhas, e todas essas minhas loucuras ex ornadas. Depois é quando voltam a sair como se nada passasse, e como tudo lhes pertencessem, num rasto de dor, gratidão e saudade, onde só e ao nu, todo embasbacado, fico como trôpego,

sem poder articular uma palavra que seja, mesmo fazendo o maior esforço do mundo.

Meia hora depois da meiga e lembrada meia-noite, levo aos ombros os beijos, com carícias incertas, por vezes paliativas, que me mentem demasiado, mas aliciantes, que saiam como jorros na promíscua empolgante imprevisível, que no entanto no meu caótico estado de assédio me erotizava, que quando apertava os beijos podia sentir aquele sabor quente e doce, perfumado de afrodisíaco e de felicidade. Entro no autocarro, é o último que vai para as Babosas, quando chego à última paragem, sou o único a sair naquele lugar sempre fechado e crespo, mesmo ao lado da pequena Capela rodeado de um laranjal, sempre a transbordar de laranjas azedas, que se desmaiavam sempre que as tocávamos.

Tudo era escuridão e gosto, não havia viva alma pelo caminho, e como sempre tinha de andar pelo menos uma boa meia hora, até chegar ao colégio.

Tudo está fechado, o cheiro à ineficácia ditadura vinha desde longe, apregoando combalido como se fosse senha, e chorava enfastiada naquele mimoso muro altíssimo, parecendo imitar a cidade perdida.

Tinha de me empoleirar nos carros de cesta, que por essas horas dormiam nos guetos angustiados e cansados, por sebosos e loucos, encostados naquelas fronhas duras, e sem piedade alguma pelos sebosos, acordava-os às patadas, que se esmoreciam naquele bastião insolente da estética, para poder chegar ao cimo, depois deslizar ao outro lado, com um cuidado medonho no meu escalonamento mítico...tudo sempre naquela escuridão altaneira e benzida por dois papados.

Na vanguarda, atravessava interditos atalhos às cegas como malabarista, por interditas levadas, pontes, onde tudo ia bater a um nada, e a uns jardins, com as suas quedas de água desarmadas e ferrugentas, mergulhadas no desamparo insípido dos poços

destroçados e desprezados, até que chegava a um pequeno campo, todo pintado na insolência das calçadas, para que não esquecêssemos o mar, voltava a entrar num outro labirinto, só que desta vez era mais modesto, e quase mesmo sem esforço algum, chegava desinibido até as janelas dos quartos de banho.

Sentindo aquela euforia fascínios, pela transgressão que o conceito consensual me brindava a entrada nessas únicas portas. Dava uns saltos, aferrava-me e subia. Já lá dentro olhava para baixo, onde o cão de postura espantada e triste, sem nunca ter feito um ruído, (era um amigo fidelíssimo,) com a saliva batendo-lhe nas patas em bica, olhava-me de lado, como a dizer-me, deixas-me só nesta noite tão escura e triste.

Ouviam os passos grosseiros do padre gaguejando pela corredora, fazia guarda lendo o breviário. Contava os gaguejas caóticos, misturados com o ranger do soalho que cantava ânsias, e esperava, até que eles se sumissem. Depois, metendo-se e entrelaçando-se entre uma e outra esquina.

Aí, sempre atento de ouvido apurado, tirava os sapatos, subia a escadaria como um gato, e metia-me outra vez noutra quarto de banho, mesmo ao lado do quarto que todas as noites usávamos para dar os últimos retoque nos livros.

No silêncio voltava a esperar que os mesmos fantasmas se sumissem nas esquinas contrárias. Quando o momento chegava, de mansinho, entrava no primeiro quarto da corredora, e voltava a esperar atrás da porta, espreitando o ranger, as gaguejas, as folhas do breviário que se espreguiçavam, o momento que se parava e não queria andar... Contava respirações com medos que se apressorassem e me deixa-se atrás, contava os passos esperava esse pouco mais que não queria chegar, agora... Quase a dobrarem outra vez pela enfermaria.

Respirava fundo e cadenciado, para que não se alarmassem, ia pouco a pouco, como um ladrão até chegar ao meu quarto, que era um dos últimos.

O quarto onde dormia tinha quatro camas, e logo por azar, a minha era mesmo em frente da desgraçada porta. Os sapatos que já

trazia nas mãos, colocava-os com mil cuidados debaixo da cama, jogava a camisa da milícia também para debaixo da mesma, para que lhes fizessem companhia, enfiava-me pela cama dentro, com calças e meias, ficava lá todo abafado, só com uma pontinha do olho de fora espreitando, e com o ouvido nos tais sons de passos descontentes e sonâmbulos, de rangerias cantantes, e conforme me ia despindo ia jogando tudo para debaixo da cama, por prudente.

Hoje recordar, depois de tantos anos, é voltar a ver o velho dos trevos, é sentir e estar vendo, classes, refeitório, do refeitório aos jogos, ouvindo os professores em desacordo, os rabiscos nas folhas de exercícios, notas abaixo de zero, onde os erros eram mais valoráveis que as respostas certas, aquele espelho grandíssimo que vivia perdido no final da corredora, e que via o miúdo, do miúdo ao homem, o homem que não ama o espelho, o espelho que não via o homem...

Foi num Domingo, enquanto jogava ao futebol, quando o padre, que também jogava com a malta, e que nós tínhamos apelidado, **os três cabelinhos**, a uma dada altura, chamou-me à parte, e disse-me, a próxima vez que chegues tarde, e esteja de guarda, não tenhas medo, vai comer antes de te deitar, comigo, não é preciso andar às escondidas.

Agradei-lhe o conselho, e isto foi o suficiente, para nunca mais chegar tarde.

O gosto pela rebelião terminou, por não haver mais façanhas.

As férias de Verão, que nessa altura chamávamos de *férias grandes* tinham ficado para trás, como tudo fica, os trevos e acampamentos, as moças quentes no frio das tendas, o nadar nu à volta da ilha, as bebedeiras virgens, e um rosário de outras coisas mais que andam vagando por aí, caminhando para esse além sem fim.

Falando de férias de verão, foi precisamente numa dessas férias que conheci duas raparigas brasileiras, por sinal, muito jeitosas, que no momento também estavam de férias, sem saberem onde andavam, viam-se sumidas e sós naquele descampado dos Prazeres.

Sempre amei os Prazeres, era uma segunda terra. Passei muitas férias por lá em casa de um primo meu.

Foi numa dessas férias que nos conhecemos, e foi precisamente nessa altura que se abriram à vida.

A alegria voltou, o sol brilhou melhor, e umas poucas de vezes, que as levei aos trambolhões, ladeira abaixo, até a minha casa, o Paúl ficava lá no fundo... Já lá feliz nos meus ares, era quando ouvia às bisbilhotices da terra. Sempre passando de largo, com os olhos atravessados, resmungando, num pretexto por não poderem voltar à juventude de antes, rogando um praguejo entre os dentes, e condenando os tempos de outrora, quando não podiam viver em liberdade. Depois ficavam espantadas, olhando para um, com uns olhos afoitos e doentios, querendo penetrar no mais além, e era quando chegavam em sussurro aos meus ouvidos, deixem as pedras *rolarem*.

Nós rolávamos e navegávamos nelas, com beijos e abraços, e um acordar enredado em meias de nylon, postas a enxugar nas cabeceiras da cama, onde os ventos secadores eram os suspiros vindos de dentro, que subiam longe, à volta haviam linhas por todos os lados, como se fossem antenas, para prolongarem a recepção, mas que por vezes era como andar entre uma *malhadeira*, e enredava-me, ou até quando me levantava durante a noite, por que tinha de me levantar, tropeçava no que não devia, quando não eram os sapatos dispersos por todo o soalho, que me faziam praguejar e mandar insultos por todos os lados.

Por vezes não sabemos o que procuramos, se o prazer ou se a felicidade... embora muitas das vezes as duas andem de mãos dadas, passeiam nos mesmos jardins enfeitados de um rosal, que de longe, são vistas como miragens nas mentes incontroláveis, que ofegantes procuram entender o quadro. Mas, há uma debilidade incansável e cavilhada, que por mais que nos esforcemos, leva-nos a acreditar, impossíveis, e que uma não passa sem a outra, visto serem as duas almas gémeas.

Pura imaginação dissimulada em espectros insípidos e gastos de tanto usarmos, mas que andam nas avenidas dos nossos tempos,

até que cansadas, de tanto mudarem no passar dos anos, ficam rendidas.

É quando nos graduam, com aquele diploma imaginário, dado sem cerimónia alguma da Academia da Vida. Aí é quando recebemos o distintivo da razão e da dura realidade da vida, e verificamos que tanto umas como outras afinal são verdadeiras inimigas entre si, como pólos que se atraem e se agarram a uma vida em conjunto, mas que se odeiam mortalmente.

Uma vez li, já nem sei onde, que no amor há dois pólos, o pólo negativo que é a dor, e o pólo positivo o sexo... Na verdade, como é do conhecimento de todos, a dor e o sexo andam sempre de mãos dadas, será que há razão em tudo isso? Deixo-vos ao gosto da resposta.

Dos meus amigos nesse então, uns viviam no sonho do amor pornográfico e imaginário, as revistas corriam a cada canto, sempre às escondidas, outros metidos até o pescoço naquele amor oculto e alegre dos pensamentos, onde as imagens só aparecem nas suas mentes, enquanto ainda outros se deliravam tocando simplesmente numa e noutra, e ficavam felizes somente sentindo-as perto de si, mesmo sem que delas um único beijo lhes brindassem o rosto.

Eu, o rebelde, endemoninhado, sempre trazendo a tiracolo, aquele meu fardo pesado de maluquices, com aquele fraco por todas, sem necessidade alguma de escolha, embora lá de vez em quando também fabricasse os tais romances imaginários que quase sempre, não sei o porquê, acabavam de se concretizarem, sem que houvesse da minha parte muito esforço.

Era o jogo da lei da natureza.

Apesar de todo este tempo perdido nos anos empolgantes e injustos de toda uma vida vivida no além dos sonhos, ainda recorro como se fosse hoje, o meu último ano no Infante, o ano que me cortou o coração nessa altura, sem sabê-lo. Não foi um ano lectivo como os outros, claro que não! Houve mais injustiça e desonestidade, por parte de quem não deveria haver, é aí que os eclesiásticos se confundem e caem na osmose do abismo da sorte. Não posso culpar ninguém a não ser um, tanso desde o início que o

conheci, e mais do que tudo, como o cavilhado de toda essa insípida memória que sempre trago comigo a reboque, mesmo até quando não a quero, mas que por teimoso, enfia-se nem sei como num companheiro caminhante de todos estes anos... como dizia, embora tivesse começado no monte o ano lectivo, logo que chegou ao mês de Novembro, devido às tais fraudulentas pressões, doa a quem doer, mas a vida é assim, temos de lutar com afinco pela verdade, de maneira que lutar para que o barco não fique à deriva, com ondas prezadas e insípidas, ventos desonestos, e marés de mentiras, catalogadas dentro das cordiais ramificações eclesiásticas misticamente vivendo nos mares acobardados, que por uma razão ou outra, *(por isso diz o povo por aí que o inferno está calçado com cabeças de padres, quando era pequenino, ficava todo confundido, como poderia ser assim? Mas verdade ou não, agora já nada me surpreende, depois de haver visto o que vi, vivido o que vivi, e saboreando o que saboreei nas vésperas dos meus dezoito anos.)*

Vieram fardadas com enredos de mentiras irreverentes e insatisfeitas, com batinas e amizades, jarras aqui e ali, querendo ou não, enfeitadas de malmequeres imperfeitos, com pétalas desvanecidas caindo sem vida, flutuando no éter deles próprios, que por ver tanta coisa sem compreensão, reconheci a farsa.

Cansei-me de vir lutando, e preferi sair desse mar em tempestade, antes que o meu ego se capotasse, e de uma hora a outra, sem mais nem porquê, passei para o Nuno Álvares, que a malta apelidava de Carçoço, dando para a rua que todos conhecíamos como *rua da Liberdade*.

Ficava mesmo quase ao lado da Igreja de São Pedro.

## Embriagado

Já não sei.  
Se é o rasgar do vento,  
Ou o frio que tenho na alma,  
Que me faz tremer,  
Salpicando o oceano de saudades...  
Acredita, que nem as gaivotas me alegram.  
Fico sem saber,  
Se a sombra que me segue,  
É minha...  
Nem quando faz frio ou calor.  
Oíço um badalar constante,  
E longe.  
Pergunto-me,  
Se me corre sangue,  
Ou se é a chuva que me alaga...  
Cambaleio,  
Embriagado na dor que tenho em mim.  
Não sei,  
Se é luz,  
Pesadelo,  
Ou cruz...  
Sei que dói,  
Há silêncio,  
E há saudades.

Abrindo caminho ao tempo, o tempo é flexível, e faço deste aquilo que me apetece, quando me ponho no final das duas pontas, porque o homem é um animal teleológico, anda sempre como louco à procura de criar e inventar objectivos, portanto não posso fugir à regra. É nesse curto espaço de tempo, que imiscuindo o passado com o presente, na mão estranha e invisível do universo, ponho a meu dispor a presença.

Faço-o dobrar em arco, na rapacidade dos 360°, e lá estou de volta, porque a vida surge de outra vida, e não pode haver nova vida sem pelo menos uma outra, aí volto ao sobejo, no espúrio da minha máquina do tempo, sem gastos nem matemáticas, somente com o meu eu, espreitando e voando no espaço do tempo, como quem espreita falenas na noite, olhando-as de frente.



Na ressonância dos meus pesares e mágoas, penetro noutras mágoas que não são as minhas, são de estranhos, mas que por vezes também me fazem doer o peito, sou humano, sei que a dor existe como tudo existe nesta vida, com tanto de endiabrada como de misteriosa, com falhos aqui e ali, misturados nas alegrias e rizas, nos silêncios e nas multidões.

Fico esperando o transcender das horas que nunca me chegaram, revivo outras que já se foram sem cuidados nem alma, penso o que seria minha vida, se nunca as tivesse tido, ou se as tivesse tido de outra maneira, ou até em outros lugares, reviro tudo de patas para Riga, e depois ao revés, mas com estas barbas brancas que hoje tenho e trago, chego à conclusão, que Deus fez o homem não só para a felicidade do próprio homem, mas mais para a felicidade do próprio Deus.

O homem, por avaro, anda errante por todos os caminhos do mundo, sempre desejoso de encontrar a qualquer custo essa felicidade incontrolável somente para si, anda como louco, tropeçando aqui e ali nos desejos, e prazeres, que por vezes, deixa passar essa felicidade de que tanto anseia, umas vezes, pela gula, como por não a saber reconhecer, outras ainda, para não perder o sabor da corrida, deixando-as para depois.

Nesse meu andar, passo confundido com a multidão indomável que também de igual comigo passa, chego à praça onde o passado se encosta com o presente numa barafunda de pensamentos, e o presente refuta o futuro, o futuro por sua vez culpa o passado.

Vejo por detrás do portão aquele mar imenso com pombos voando à volta, idólatra e ríspido sigo, sem que me parem e me façam perguntas, procuro esquivar-me por me pesar a alma, há vezes que corro como louco, perco-me entre as esquinas, com medo da mocidade de hoje, escondo-me, e só volto a esse amem quando me sinto mais másculo e solto, para reviver tudo como era, ouvir tudo o que já foi dito, sentir o frio e o calor num destranco, sem andar a amoque, e lá vou discorrendo nas horas famigeradas. Por vezes até paro no snobismo, sem andar na bagunça, ao contrário do

que pensavam e pensam. Outras porém levavam dias para recordar, mas quando chegam trazem o boné do medo, andam às apalpadelas, como se andassem às escuras num labirinto de areias movediças.

Ah! Mas antes que me volte a esquecer pelo enredar periclitante que ando, uma das moças que mais me recordo, foi uma que tive como namorada, nem já sei por quanto tempo, porque para dizer a verdade, nesses tempos de estudante, mudava de namorada, como quem muda de roupa, e isto que não era nem hoje sou nenhum hedonista, mas que fui uma das que aguentou comigo mais tempo, lá isso foi. Se não me engano, vivia nessa altura numa das ruas que dava para a da Pena e estudava no colégio Bom Jesus, que nem sei se ainda existe, mas nesse tempo era famoso. Recordo-me que a todos tínhamos posto um apodo. Os do Infante eram os Marinheiros, Os do Nuno Alvares os Carços, o Liceu os Lesmas, Santa Teresinha as Pulgas, Apresentação as Gatas, o Lisbonense e a Escola Industrial é que já não recordo como nós os chamávamos... Talvez um dia destes venha à memória, paciência.

Mas como sempre, lá estou outra vez a meter o pé no baralho, fugindo do que ia contar. São os frutos da idade, que aparecem depois das peles rugosas, das dores a cada canto, das idas ao doutor por tudo e por nada, afinal, coisas por onde passamos todos, com uns mais do que outros.

Mas vamos lá, o que dizia há uns segundos atrás... Pois é, já me recordo, indo ao assunto de quando era jovem, o certo é que apesar de tantos anos se terem passado, há ocasiões que ainda sinto o sabor da ressonância dos seus beijos. Nos meus tempos beijávamos muito, era o que mais fazíamos, passeávamos pelas tardinhas, indo de um lado a outro, sempre agarradinhos, e aos beijinhos, andávamos pela noite até que a lua se enfadasse, e as estrelas dormissem abafadas naquele (mar de nuvens) que sempre as cobria como um xaile, de amor e carinho.

Refrescando-me a mente, como saboreava nessas tardes, aquelas mamas duras, suaves e distintas, com aqueles olhos de feitiço, alegres e implacáveis, que penetravam a dentro, e sempre que me abraçavam riam.

Éramos da mesma terra, e éramos como se fossemos boémios... Vivíamos cada um à sua maneira, sempre prontos ao ataque.

Recordo-me da última vez que a vi, estava em fato de banho azul-escuro, com uma barquinha desenhada sobre o peito, que se alvoraçava de vaidosa, que um familiar lhe tinha mandado dos Estados Unidos. Apanhando sol nas tais pedras roliças da minha terra, que vistas de longe, mais pareciam ovos gigantes de um cinzento vivo, deixados dispersos e descuidados por algum dinossauro, nunca incubaram, e daí, nunca nasceu nada, a não ser quando um dia, apareceram uns pedreiros, e de uma a uma, foram lascando e dando-lhes uma forma mais vazia, para depois os empoleirarem como muros na construção da velha casa da luz.

Tingiram-me os cabelos para branco, ou melhor, eles deixaram a cor original de lado, o tempo faz que tudo se transforme, é quando oiço os meus amigos voltarem a culpar às pobres saudades coitadas...

Passaram-se os anos, e também chegou a minha vez deitar a culpa ao tempo. Apareceram as penas, e volto outra vez a culpar as mágoas, e quando voltei a sentir-me mais pesado, sem receio algum, aponteï junto aos ponteiros das balanças, que não foi por guloso, que continuo a ser sempre o mesmo, que nada mudei, foram as comidas gordurentas que me pintou de tal. À fraqueza, joguei ao baralho o meu egoísmo envelhecido. Aos balaios de dores cobertas de guardanapos bordados à mão, deitei culpa sem piedade às pancadas, mas mais do que tudo, deito por culpado à minha separação de anos, onde o meu navegar no desespero é impregnado e interminável, que hoje mata o então cobiçado e tão insatisfeito desejo de querer sair do País.

Afinal nesse então, esse insatisfeitíssimo desejo de querer sair, não era só meu, foi uma cobiça derramada sem misericórdia por todo o sangue dos que por lá nasceram, e ainda nascem.

Como promessa dos Deuses, os de hoje, ainda vivem o mesmo fado, é um contínuo reviver a história...Por isso, nunca mais a vi, como também nunca mais vi os meus outros velhos amores, os

amigos e amigas de quando era estudante, até mesmo quando lá fui de passeio, e fiz um esforço para junta-los numa festa no Infante, mas não consegui encontrar-me com todos eles.

Recordo-me que nesse meu passeio à terra depois de tantos anos, um dia passei pela casa onde vivia uma delas, e aproveitei comer pitangas. Tinha sido convidado por um amigo para comer lapas grelhadas, nessa altura ele tinha alugado a casa, olhem, sem mais nem menos, comi mesmo apanhadas da árvore, matei as saudades. Como são saborosas...à volta dessa casa havia muitas pitangueiras, mas mais especialmente cerca das veredas ao lado das levadas.

É um dos frutos que mais gosto, vem logo a seguir à anona e aos figos.

Falando das tais pitangas, era com ela que estava naquelas noites, sempre que tinha de subir ao autocarro da meia-noite e meia.

O que realmente, ando a esgaravatar na minha cachimónia, é para me lembrar porque raios terminamos esse namoro, e não há maneira de saber o porquê, é a velhice, quando um chega a ela, as coisas somem-se no tempo, e para encontra-las, um leva trambolhões, empurrões e caídas, até por vezes um mete-se no âmago do tempo, fecha-se, nessas paredes do templo, e nem já sabemos encontra a saída, dos recordes.

Mas como dizia, estou falando de uma das moças que uma vez tive como namorada, essa com os olhos feiticeiros, e antes que me volte a esquecer, recordo-me que foi a moça mais ciumenta que tive na minha vida... Credo Ave-Maria, e como me queria pôr em jogo com esses diabos de tantos ciúmes... Vale-me a Santíssima misericórdia de Deus... baralhava-me de uma tal maneira que por vezes perdia-me de mim mesmo. Com pretextos disto e daquilo, barafustando e inventando, levava-me à revolta, para uns minutos depois apaziguar, era quando tentava em vão, o culpar-se, quase sempre da mesma maneira, com o conto em que sempre me fazia lembrar que era Capricórnio. Ser Capricórnio era ser assim, um viver em excesso, indomável e ríspida na paráfrase do dia-a-dia.

Nunca acreditei nos astros como vozes de conselhos ou vozes de agoiro... E até esta idade ainda penso que eles nada têm a ver com cada um de nós, quer queiram quer não, e como já disse atrás, volto e repito, que quando o povo não sabe tem de inventar algo, para que melhor os males se ajustem, e se conformem, assim tudo terá resposta mais ou menos parecida quando venha o tempo, em outras palavras uma neurose de escusa, sem reservas, querendo ganhar a luta, entre a graça e a matéria, acabando com rizas ataviadas de mau gosto, para disfarçarem as dores e os mal dizentes atrevimentos, que se guardam sem receio e medo do castigo.

Falando de ciúmes, ora vejam lá esta que já passou há muitos anos também na minha terra.

Contaram os outros mais velhos, aos mais velhos de hoje, que por esses velhos tempos de outrora, havia por lá uma erva, e o melhor, com certeza que ainda a há, de folhas pequenas e cortadas, com umas florinhas muito pequeninhas e de um azul brilhante, com uns pontinhos de aguarela, cor-de-rosa logo ao centro, a que o povo unanimemente baptizou, *(por lá é de costume baptizar tudo)*. Foi chamada de erva-do-ciúme, daí que foi feita a canção que vem sendo cantada airosamente, desde esses primeiros que a habitaram, e que por trambolhões, daqui e dali, foi passando por lugares clivosos e nefastos, em ânsias de boca em boca, ora tristes, ora alegres, até os nossos gloriosos dias Mas sem prenúncios, e sem coagir ao povo, que dela tudo se tem esquecido e profanado, como tantas muitas outras coisas mais, que lhe doaram de alma e peito, e perdeu-se a música, deixando-nos somente uma parte daquilo que uma vez foi uma canção.

**O ciúme é uma erva,  
Que anda mal estimada,  
Mas onde o ciúme não entra,  
O amor não vale nada.**

Ora pela boca dos mais velhos, que ouviram daqueles que viveram muito antes de mim, aquém eles próprios já tinham ouvido

dos outros antes deles, para depois também contarem por sua vez aos mais novos, que por esses tempos de então, todas as famílias tinham por tradição um (caco) todo prezado, adulterino e pomposo, com uma dessas idólatras plantas, havendo o caso até de quem tinha mais de uma, encaixadas logo ao lado do portal da casa, cuidada como a mais cobiçada das flores.

Era uma maneira de sentir o ciúme tão pertinho, sem dar a cara, sem ter medo dele, e sem ter de ferir corações. Mas, meus estimados amigos, a tradição terminou. Terminou sem saber que tinha terminado, e até se alguma vez viveu sóbria e doce, com os mil cuidados, sempre aguada e acariciada, no trono da meiguice onde todos lhes davam os bons dias.

Hoje, ninguém sabe o como ou o porquê, talvez por frívolos, intratáveis ou esquecimento... Quando chegamos a uma idade não é impossível contagiarmo-nos com o esquecimento... Tudo é natural... Ou quem sabe por presságio... Pode ser outra solução... Como também não podemos descartar a ideia do descontento.

O certo é que desapareceu das mentes de agora, que nem (caco) nem erva-dos-ciúme aparece junto aos portões, nem tão pouco por lá sabem da sua existência.

Mas já vão longe os anos, e cada um tem as suas penas comprimidas... O povo gemendo carregando as suas coitadas, demasiado cansados, trôpegos, e estragados dos trabalhos do dia-a-dia dessas avenidas árduas da vida, que sempre nos molha, ou nos deixa as costas suadas, por cada cruz...

Ou é do tempo, ou da idade... Faz frio... *(Já deixei de beber café desde que me senti com tensão alta, por vezes temos de fazer um esforço e deixar coisas que nos fazem mal, mesmo que nos custe.)*

O café não aquece, engana, mas não aquece...

Para dizer a verdade, sempre que me colocam na escolha, opto por um bom vinho, ou um bom whisky com gelo, segundo as circunstâncias e o momento.

## O VELHO E OS TREVOS

## Terceiro capítulo

Com este andar consensual, agora sou eu o que ando imitando o tal bom velho, primeiro foram os cabelos brancos, que me caíram em cima pouco a pouco, quase mesmo sem que me desse conta, depois o resto veio em procissão desalmada, pelo mesmo caminho, ao compasso do toque da banda... (*Para ver a banda passar cantando coisas de amor.*)

Foi depois dessa marcha e de ver-me ao espelho, que voltei a mim, e isso fez que me voltasse a lembrar dele, igual de quem se lembra de Santa Bárbara na altura dos trovões...

Apareceu-me como nos velhos tempos, pintado na minha memória, que Deus o abençoe, era um bom homem, dizem que devemos imitar os bons, mas nem até os bons se gosto de imitar, penso, que ninguém gosta de imitar seja a quem seja, cada um quer ser o que é, seja lá como for, excepto em raras excepções, em que os retratos da vida, levam-nos sem mesmo o querermos, o tempo e as circunstâncias em que nos encontremos, são o ponto fatal, e sem mesmo nos darmos conta do que fazemos, seguimos despercebidos os passos de alguém nesta curta caminhada, por teimosos, sem termos a menor noção de que os estamos imitando...

Sempre recordo, embora os anos e as tempestades da vida tenham feito vivenda nesta minha maltratada e desgastada mente ao longo dessa jornada.

Vejo-o olhando-me de frente, com aqueles olhos verde-claros (se é que eram) carregando tristezas, uns olhos que mal se podiam ver, trazia sempre as pálpebras encolhidas, quase pegadas umas às outras e suadas, quase tirando-lhes o sabor a propósito. Mas em contrapartida sempre com aquele ar arrogante, de cara levantada, olhando directamente aquém falava, procurando por mérito da vontade dominar o momento, onde a arte se serve de tudo para satisfazer a alma, no músculo viril de uma cara rugosa e sóbria,

talhada pelas intempéries do destino e dos anos que guardavam respeito.

***Quinda a mecê vai aprender ma é na outa escola, na escola da vida, na mema queu tamém andeie, e qui todos são obrigados quer queiram, quer no...qui esta ca agora ca mecia anda, é só uma passada no portal desta caminhada da vida...***

Foi uma verdade pura, ele tinha razão, por sinal, ainda aqui estou nessa mesma escola que ele em tempos me falou, agora ando com livros de um mar imenso, apontamentos na pauta das (trochadas) de ventos e marés nas (arcas), ficando nas sebatas o coiro cascado e curtido do sol, iguais às palmas das mãos desse bom velho, todas calejadas, só que as minhas sempre andam deitando ais...e vejam lá, nem mesmo sabendo de antecipado, com qualquer coisinha blasfemam, (*ainda não estão como as dele, rijas e conformadas...com calos sem medo nem vergonha.*)

Sigo sendo o tal aluno, reconheço que ainda ando bem longe dele, e que muito tenho que aprender nesta escola de que ele tanto conhecia.

Pelos meus cálculos, só terminarei, no dia que me for, e que será no meu Outono, serei mais uma folha caída, juntando-se às demais, neste parque onde vivo... Mas até lá, o importante é seguir vivendo a luta, sentir-me verde, e aproveitar as primaveras da vida, sem medo e sem rancor, e compreender, que a vida não nos dá por dar, e que de igual, não nos tira por tirar.

O fluxo da vida, é o passarmos por um turbilhão de mudanças, de descobertas, desenganos e promessas, e como dizia o grande,

“Passam-se os anos e muda-se a ventura.”

Já vão longe os anos, e em cada um que passa, ao recorda-lo só e triste, faz com que me pergunte passo por passo, o que foi feito desse meu bom amigo, mas, quem sabe lá o que lhe passou...com todos estes anos passados, se calhar, nem tão pouco a sombra amiga daquele Céu coalhado de nuvens marmoreiras, que se encaixavam arrogantes e sólidas, trazendo tudo quase sempre tapado desde os princípios, quando os Deuses a habitaram, (*protecção para que não*



*deixassem as belezas à descoberta,)* por isso, até penso que dele, nada nem ninguém me poderá responder.

Recordo-me que me dizia, não ser um católico fervoroso, mas que sentia dentro dele uma voz clamando paciência, aconselhando-o a seguir a directriz de uma boa vida, directriz essa, que era o padrão da sua própria religião, formada pelo fruto das suas próprias ideias e conclusões, crenças e actos ao longo de toda uma vida passada, abafada por gatafunhos de trabalhos e canseiras, por desgraças e alegrias, pelo ódio e o amor, que pouco a pouco se foi misturando, mas, como todos sabemos, o amor sempre no final ganha a causa.

Também pensando nele, englobei na mística da sua compreensão, com mudanças conforme o tempo corria e corre, igual que um barco ao navegar a um determinado porto de abrigo, sempre corrigindo o rumo, sempre pendente e responsável aos ventos que sopram e às marés que o arrastam a um outro ponto. O bom navegante estará sempre em guarda, e corrigi-o, para que possa chegar a um destino certo.

Ele, sempre acreditou, que os bons fins olhavam e caminhavam com as mesmas passadas dos bons meios... Por isso vivia no seu labirinto espiritual, sem os ódios de outrora, nem as regadas invejas passadas, enfrentando o dia-a-dia, sem o grande medo do que será o amanhã, mastigando o contínuo toque de fé, repetindo que para tudo havia solução...e são estas as mesmas ideias que agora se reflectem em mim, e andam comigo de mãos dadas neste parque longe do medo.

Como viandantes, e tácito, encontro a mesma brisa suave de Zéfiro que bicéfalo, alternadamente enchem as minhas velas, soprando sem parar, levam-me nesse sopro meigo e doce, onde me sento, e fantasiando espero como uma criança, voltar a festejar como ele, os anos à sua maneira.

Vejo-o em pensamento ainda lá, todo sonâmbulo na mesma cabana, tal e qual como antes, com aquele rajão atado a um cordel de lés a lés, pendurado num pau de urze espetado na parede nua. Os brincos de bonecos que usava para levar aos arraiais, com as vestes todas despedaçadas, mas os orgulhosos por seguirem inseparáveis

do seu rajão, que enquanto um tocava eles batiam duro acompanhando o despique, mesmo ao lado, todo desajeitado está o casaco gris, já sem riscas, tiradas pelos tempos, razões e sois. Agora vive por aí desprezado, jogado por cima numa cama sem cuidado e poeirenta. Aquele chapéu preto e triste que se ponha a rodar e rodar nos movimentos das mãos, hoje jaz ao lado, sem as forças daqueles movimentos dos dedos habilidosos.

Se levantarmos os olhos, a apoteose de um Cristo em barro já sem a tinta que lhe fazia marcar mais a paixão, agora todo coberto de pó, martelado à parede padece sem cor e sem tristeza, num canto mesmo perto da cabeceira, naquelas paredes sempre nuas e estranhas, onde os raios do sol, teimam por mostrar às pedras pegadas umas às outras somente por irmandade, e passava horas rindo-se desta extravagância, picando-as e dando-lhes delírios de fantasmas, que se fartavam de bailar.

Encostado a um canto do quarto frio tosco e doentio, estão umas tábuas marteladas umas às outras, fingindo serem mesa, toda carcomida, retalhada e zanzarilha, que mal se aguenta em pé, num esforço ao tempo, sobrevive pelo silêncio e dos movimentos em letargo, mas ainda aguentando o sofrimento do peso de uma vela dentro de um pequeno alguidarzinho de barro, sem já ter aquele brilho que uma vez lhe deram ao sair do forno da olaria. Agora mais do que o pó que vibra a seu redor, vive a dor que lhe prevalecia. Onde vivia o respirar sem sentidos a eterna vela, sempre apagada para que nunca se gaste, aí deve estar ele sentado.

Mesmo ao lado, quase encostada ao mísero empedernido alguidarzinho a companheira inesquecível, aquela caixa já envelhecida, fraca e rendida, com os fósforos já sem valia, mas ainda trazendo à sala o letreiro quase todo visível da tão famosa,

*“Fosforeira Portuguesa.”*

Oposto à caixa, aquele melancólico solitário e tristonho livro de capa toda bolorenta e desgastada pelo tempo e sombras, descuidada, mas latente, que mesmo assim triste e deprimido, consegue trazer a tiracolo aquele ar arrogante e altivo, que lhe passou o criador. Que embora combalido e desfalecido, nunca

perdeu a velha esperança, e calmamente ainda espera impassível e firme, a nesga de tempo por encontrar os mimos de alguém, que quem o visse juraria, que só o tocar-lhe saltaria de contente, fazendo bailar as mágoas e desfazendo-se cantando felicidades.

Tudo isto, com só que o erguesse coitado...

Enredado naquelas suas páginas amarelentas, já sem aquela consistência firme e primaveril, viviam debruçados uns aos outros, na mágica coesão de todos os suas neuroses trevos erotizados, com aquelas marcas sebosas de digitais imprimidos por todo o papel, como se fossem selos, postos pelo querer ou não, vá lá um saber... Os tempos sem piedade não perdoam, estou metido neles até o pescoço... Os anos embrulham-se involuntariamente em forma de vestes de múmia.

Uma oração imprimida numa cartolina que outrora quiçá teria sido branca, com algumas letras quase morosas, mas que ainda se podiam ler facilmente.

### **ORAÇÃO AO SENHOR**

***Porque te confundes e te agitas ante os problemas da vida?***

***Deixa-me ao cuidado de todas as tuas coisas e tudo irá melhorar.***

***Quando te abandones em mim, tudo se resolverá com tranquilidade segundo os meus desígnios.***

***Não te desesperes nem me dirijas uma oração agitada, como se quiseras exigir-me o cumprimento dos teus desejos.***

***Cerra os olhos da alma e diz-me com calma:***

***Jesus, teu servo confia em ti.***

***Evita as preocupações e angústias e os pensamentos sobre o que pode suceder depois.***

***Sei que o teu tempo não é o meu tempo, mas não desesperes, nem entorpeças os meus planos, querendo-me impor as tuas ideias.***

***Eu oiço-te até nos momentos da insegurança da tua fé.***

***Deixa-me ser Deus e actuar com liberdade, abandona-te confiadamente em mim, e deixa nas minhas mãos o teu futuro.***

***Sempre que te dirijas a mim diz com calma:***

***Jesus teu servo confia em ti.***

Em baixo da mesa da cozinha, já carcomida pelo caruncho, está o mesmo saco onde ele sempre carregava a sua perpétua aguardente da terra.

Se vou até junto da lareira, ainda pareço encontrar aquela cinza quente e plausível cheirando a vida, abafando brasas para que não se apaguem, essa mesma lareira que um dia me coube dar-lhe vida e alma, com uma chaminé melancólica, desprotegida e imprudente, espalhando e reboando um fumo branco nos tais Céus de boinas brancas, que se entretinham a acenar, com todo aquele véu tão puro, enquanto durasse o sol de eterno, e se satisfaziam brincando, foliando e despindo o fumo que saía, como se estivesse anunciando a escolha de um novo papa.

Uma porta de gonzo que fazia um barulhão tanto ao abrir, como a cerrar, sempre pedindo sebo em vão, sem nunca ter conhecido uma tranca, que não fosse uma pedra de quem sempre mofava. Guardada a um canto, logo à entrada, no lado oposto, ao lado dessa lareira de pedra lascada, logo contra a outra esquina, vive a enigmática e frustrada infusa com votos de silêncio. Mesmo junto a ela, está o marmanjo alambique, todo petulante, e presunçoso teimando não quer envelhecer, fanfarronando com medo aos anos, passa horas a luzir nos sobejos daquele jogo de luz que lhe apalpa as gretas frias e húmidas das paredes despidas e sem calor, que fazem ressonar mágoas. As botas desprezadas a um lado sem cor e enfeitadas, já com as solas perdidas e dobradas, chorando abandonadas e tristes... Ao lado do alambique, como pedindo ajuda. Uma tina de barro cru e pobre destapada ao abandono, onde alguma vez, em outros tempos, frutas fermentaram, e ele ficando guloso...

Os tais raios de sol aciganando-o, sempre intromete dores, que travessos e perspicazes... Perfurando as paredes, sem medo e sem piedade, pintando todo o silêncio sepulcral de sombras, num perder de tempo.

Passavam horas a fio perpetuando as migalhas de pó que flutuam no éter da cabana, riam-se, e sem dó nem piedade, sarcasticamente jogavam com elas, escolhiam formas, davam-lhes

vidas de espectros, de rostos pálidos e sombrios, com corpitos de moribundos dançarinos, aqui e além, que confundidos bailavam, naquele ar agreste, que se desfaziam e se tombavam não mais que com o sopro de nada que passasse a tocar-lhes.

Já nem sei onde li, como tão pouco a memória não me é fiel como antes, mas foi algo como assim,

*(Vivemos vidas que se baseiam em uma selecção de feitos imaginários. A visão da nossa realidade está condicionada pela nossa posição no espaço e no tempo, e não pela nossa personalidade, como nos comprazemos em crer. Por isso toda a interpretação da realidade se baseia numa posição única. Dois passos para um lado ou para outro, e todo o quadro muda.)*

Claro que não acreditei, nem acredito, mas para responder a mim mesmo, e ter a certeza de que a razão estava pelo meu lado, dou um passo a um lado, espero o resultado...

Continuo a ver tudo da mesma maneira, nada está diferente, nada quer mudar à minha mudança.

Sou teimoso, e não quero acreditar nos meus olhos, uma vez mais teimoso volto a mudar de lugar, desta vez, um pouco mais afastado e manhosamente espreiro dissimulado, com olhar parado, procuro a um canto do olho, sem que nada o perceba.

Quieto, quase sem respirar, com o coração aritmíático, instigando o medo das sombras, que pudessem bailar sem do, mas só para mim nesse lugar.

Enquanto procurava penetrar no quadro a inteiro, mesmo em frente ainda a meu alcance, procuro o defeito, a diferencia, a falha e a razão, que me tem em reserva o tempo... Mas, por mais que procure, e por mais que mude de posição em posição, nem mesmo o malvado e melancólico silêncio, me quer brindar a diferencia do tempo no tempo.

Continuo vendo tudo pintado de igual, pedra por pedra, que mesmo que quisesse dar-lhe uma aguarela em espelho côncavo ou convexo, cobri-lo com o manto do passado, era impossível fazê-lo.

O sair, arrancar uma folha de trevo verde, e voltar a entrar para coloca-la de mansinho, sobre aquela penosa mesa nevoeirenta

e quase desmantelada pelo bater desmesurado do badalo ingrato do relógio da vida, era destruir o momento, era matar o irrevocável presente, era profanar cobardemente o túmulo do templo.

Dou meia volta e saio, sem descuidar de dar a última olhada, antes de tentar encostar aquela velha porta combalida e amarga. Sem remorsos, volto uma vez mais a colocar a mesmíssima pedra atrevida e fiel que sempre a prendeu, ajeitando-a como amarra...

Olhando de perto, respiro fundo e triste, nesse ar sadio da serra, enquanto o céu atarracado, brilha igual ao de antes.

Os anos nunca nos poderão trazer a presente e o passado nas três dimensões, como também nunca poderão esquecê-los, sempre chegarão até nós, reflectidos em imagens descontroladas, umas vezes transparentes e puras, outras em neblina mas ardentes como chamas, há delas que chegam em frases curtas e monótonas, ou em textos longos com imagens poeirentas e tristes.

São rosários de travessuras correndo nas jornadas dos tempos, que bem ou mal dizentes, se aderem confusos e teimosos ao nosso afortunado pensar, fazendo-nos ver com olhos da razão, o que a razão antes não via.



## Penas

Correm penas que eu fiz,  
Voando no vento mítico,  
Deixando-me de negro,  
Não faz sentido...  
De umas guardo recordes,  
E não olvido;  
Que lata...  
Outras de propósito fogem,  
Nos exíguos da sorte.  
Correm, caóticas sem parar,  
Nos biscateiros ventos febris,  
Oh aliciantes da alma...  
Algemadas ao astro em que vivo,  
Bastião do passado,  
Balançando-se num balé incansável;  
Dançam só para mim,  
Vestidas de linho,  
Máscaras de saudades...  
Eu,  
Com a estética nostalgia,  
Em preto.  
Tu,  
Com o meu tempo,  
Em branco.

Quanto aos trevos, é como ter o meu velho amigo presente, sempre que passo por algum descampado onde os trevos andam em romaria, paro. Sempre por prazer, procuro um de quatro folhas, quando o encontro, não o corto da planta, acaricio-o, e deixo-o lá à sorte. Já tive um, não preciso de ter dois.

***FIM***